

# XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

## O que não cabe no Lattes: mulheres negras contam suas histórias

Dailza Araújo Lopes <sup>1</sup> 

### RESUMO

A presente resenha tem como objetivo refletir sobre a mesa intitulada “As contribuições dos estudos étnicos e raciais para o debate sobre Feminismos negros e sexualidade” realizada no XX Encontro de Combate à Discriminação Étnica e X Seminário do Programa De Pós- Graduação em Relações Étnicas e contemporaneidade (PPGREC/Odeere) nos dias 20 a 23 de março de 2025, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus Jequié. A metodologia utilizada é o relato de experiência, numa perspectiva qualitativa. Assim, com as análises posso concluir que mulheres negras têm questionado os sistemas de opressão, e desenvolvido a escrita e o falar de suas histórias como método de resistência, resgate da memória, desenvolver o olhar interseccional sobre os fenômenos sociais e projetar ações para construção do futuro a partir da ideia do bem viver.

**Palavras-chave:** feminismos negros; bem-viver; interseccionalidade.

### Notas introdutórias

A mesa “As contribuições dos estudos étnicos e raciais para o debate sobre Feminismos negros e sexualidade” realizada na XX Encontro de Combate à Discriminação Étnica e X Seminário do Programa De Pós-Graduação em Relações Étnicas e contemporaneidade (PPGREC/Odeere) aconteceu entre 20 a 23 de março de 2025 na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus Jequié,

<sup>1</sup> Pedagoga, mestra em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro/UFBA) e doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa - Coletivo Angela Davis, (UFRB). Atualmente é professora assistente na Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB) e coordena o Grupo de Estudos em Pedagogias, Racialidades, Educação, Etnicidades e Gênero - GEPREEG. E-mail: [dailza.lopez@uesb.edu.br](mailto:dailza.lopez@uesb.edu.br)



UESB  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



## XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

tendo como convidadas a Profa. Dra. Nubia Regina **Moreira**<sup>2</sup> (UESB), a Profa. Dra. Helena Rachel da Mota **Araújo** (UESB), Profa. doutoranda Dailza **Araújo** Lopes (UESB) e Profa. Doutoranda Silvana Santos **Bispo** (SEC/BA).

A temática da mesa trouxe para o público presente diversas reflexões as quais foram condensadas nas linhas deste texto como possibilidade interpretativa para pensar caminhos vivenciados por mulheres negras na construção de uma sociedade pautada em valores coletivos, ancestrais e ancorados na perspectiva feminista negra.

Diante disso, a presente resenha tem como objetivo refletir sobre a mesa “As contribuições dos estudos étnicos e raciais para o debate sobre Feminismos negros e sexualidade”, a partir da reflexão sobre as formas como as questões de raça e gênero incidem sobre a vida das mulheres negras. O racismo genderizado, conceituado por Grada **Kilomba** (2019, p. 99) “para se referir à opressão racial sofrida por mulheres negras como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero” nos coloca em um lugar de vulnerabilidade e, ao mesmo tempo conclama para que possamos refletir sobre os marcadores que interseccionalmente incidem no cotidiano.

Logo, conforme apontam Winnie **Bueno** e José Carlos **Anjos** (2021, p. 362) “as diferenças de classe, gênero, sexualidade, origem, idade e condição física são frequentemente observadas pelas mulheres negras no seu fazer ativista. Audre

<sup>2</sup> As autoras negras, ao aparecerem pela primeira vez no texto, terão seu sobrenome em destaque negrito, como forma de combater a invisibilidade das intelectuais negras dentro das políticas de citação. Esta ação é um desdobramento coletivo encaminhado na Escola Transnacional de Feminismo Negro e Decolonial, realizada em Cachoeira/Ba no ano de 2018 e publicada no artigo escrito por Angela Figueiredo (2020). Aqui destaco que muitas autorias foram identificadas através da heroidentificação. Assim, segui os critérios que são estabelecidos pelos IBGE para alocar pessoas pretas e pardas, portanto, cumpri a identificação com base nas características fenotípicas que fazem com que pessoas sejam afetadas pelo preconceito racial e/ou lidas socialmente como negras: nariz, cor de pele, cabelo e boca (**Nogueira**, 2007; **Gomes**, 2003 e 2019). Contudo, cabe ressaltar que essa ação não invalida a autodeclaração das pessoas autoras, citadas no texto, que não tiveram os nomes negritados.



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



## XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

**Lorde** (2020) sinaliza sobre a necessidade de reconhecer as lentes do patriarcado e da cisheteronormatividade que incidem na sociedade de forma estrutural.

### Da margem ao centro: construindo lugares transatlânticos

A mesa foi iniciada com a exposição da professora mestra Dailza **Araújo** que atuou como mediadora, fazendo uma breve exposição sobre as contribuições dos estudos étnicos para o debate sobre feminismos negros e sexualidades a partir do contexto da discussão sobre a diferença. Avtar Brah (2006, p. 344) ao discutir sobre a questão da diferença, aponta que há uma concepção essencialista em torno da percepção desse conceito, e aponta que “processos de racialização são, é claro, historicamente específicos, e diferentes grupos foram racializados de maneira diferente em circunstâncias variadas, e na base de diferentes significantes de “diferença”. Com isto, o racismo é construído a partir da diferença, criando uma dupla alteridade a que as mulheres negras estão expostas constantemente: racismo e sexismo.

Ter uma mesa com mulheres negras falando sobre feminismos negros foi de extrema relevância para o debate sobre as questões étnicas e raciais no contexto das sexualidades, pois conforme pontuou bell **hooks** (2015, p. 202) “resistimos à dominação hegemônica do pensamento feminista insistindo que ele é uma teoria em formação, em que devemos necessariamente criticar, questionar, reexaminar e explorar novas possibilidades”. A nós mulheres negras não foi dada a oportunidade de falar das nossas dores, por isso, mesmo com todas as aberturas dadas por mulheres brancas, conforme é citado por Angela **Davis** (2016, p. 111) “os exemplos mais marcantes de sororidade que as mulheres brancas tinham em relação às mulheres negras estão associados à histórica luta do povo negro por educação”, a sororidade, não é um marcador que nos serve, pois, por mais colaborativas que sejam, a supremacia branca não lhes permite compreender as



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DE SÃO BERNARDO DO  
CAMPO



Colegiado do curso de

**DANÇA**



## XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

questões que nos afetam, enquanto mulheres negras. Sendo assim, Vilma **Piedade** (2017) ao conceituar a dorridade, reuniu a definição das nossas particularidades, direcionado, de alguma forma, um ponto de partida da nossa escrita: falar sobre nós e para nós!

A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor. (Piedade, 2017, p. 32).

Com estas pontuações, reforço: vamos escrever! Pois, caso contrário, a branquitude vai escrever sobre nós e transformar a nossa dor em títulos, prêmios e bolsas produtividade. Uma vez que, é um fato que podemos perceber a forma como a branquitude se organiza para estar a todo tempo lembrando os processos de dor, aos quais os corpos negros foram colocados.

Assim, reitero a importância de das falas enunciadas na referida mesa. Na exposição da professora Núbia Regina **Moreira**, foi possível testemunhar o lugar de onde os marcadores dos ativismos vão surgindo! Ela se apresenta para além do *lattes*, e foi possível saber que a docente, que é referência na produção acadêmica sobre feminismo negro e organizações de mulheres negras (2011), é também mãe, professora, pesquisadora, ekedi, observadora, intelectual negra, e deixa sua terra de origem, passa por muitas cidades, lugares e ancora na Bahia, hoje ela atua no Sudoeste da Bahia, mais precisamente em Vitória da Conquista/BA, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, coordena o Oju Obìnrín - Feminismos, Etnicidades e Conhecimentos, Grupo de Pesquisa (CNPq-UESB) que investiga a articulação entre os feminismos e as etnicidades na produção de conhecimentos. Ela é diaspórica! Ela se fortalece em cada troca, cada orientação, palestra e encontro pelos sertões, contribuindo com



UESB  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de  
**DANÇA**



## XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

pesquisadoras sertanejas nas suas sementeiras acadêmicas, na construção das epistemologias feministas negras, que segundo Núbia Moreira e Thais **Cardoso** (2020, p. 134) “se alicerça o perspectivismo na experiência como construtora da política da voz e da produção do conhecimento”.

Professora Dra. Helena Rachel **Araújo** trouxe algumas passagens da sua trajetória enquanto corpo-território<sup>3</sup> localizado nas experiências de raça, gênero e sexualidade. Chamou a atenção para o papel educacional do feminismo negro, enfatizou a importância das mulheres negras na construção da ciência e fez críticas à visão androcêntrica e branconcêntrica do conhecimento. Como primeira da família a abrir caminhos na carreira acadêmica, além de atuar na UESB, ela também é pesquisadora da Rede Kunhã Asé, e se compromete cotidianamente com o fomento à presença de mulheres e mulheres negras nas ciências. Tal qual orientou bell hooks, a professora Helena usou seu lugar enquanto mulher negra e bissexual, para refletir sobre o feminismo além das barreiras, dessa forma destacou que “o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá lugar para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia” (hooks, 2015, p. 208). Conforme defendeu a referida professora: “revolução se faz com produções epistemológicas! Semeando, florescendo e germinando”.

A fala da professora doutoranda Silvana **Bispo** trouxe o seu lugar na constituição de escritora, professora, ativista e mãe de uma menina negra: Eloah Bispo. Ela relatou sobre a forma como o racismo esteve presente em sua trajetória, sendo ela da primeira turma de cotas do curso de História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no Campus V, em Santo Antônio de Jesus/Ba. A palestrante

<sup>3</sup> Para Eduardo **Miranda** (2020, p. 35) corpo-território “é um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa”. Cf. MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

**DANÇA**



## XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

trouxe as epistemologias negras, a partir da construção dos saberes ancestrais, a memória como metodologia para pensar a resistência, a oralidade a partir dos saberes quilombolas, e cita Dona Bernadete Pacífico líder quilombola brutalmente assassinada no Quilombo Pitanga dos Palmares em Lauro de Freitas/BA denunciar a violência contra as mulheres negras, mas sobretudo, a forma como o Estado engendra mecanismos que dificultam uma sobrevivência com dignidade para as populações quilombolas e finaliza com a citação que mobilizou todas as pessoas ouvintes com aplausos: “O contrário de casa grande não é senzala. É quilombo!”.

Flavia **Rios** e Edilza **Sotero** (2019) quando propõe pensar o feminismo a partir de uma perspectiva interseccional, enquanto discussão “incontornável nas ciências sociais”, possibilitam uma reflexão ampla, que demarca a importância dessa aplicação em todos os campos da produção científica. Assim, as mulheres brancas ao pensarem questões antirracistas, precisam antes reconhecer seus lugares de vantagem social dentro do contexto discurso e material da forma como as identidades são afetadas pelo *modus operandi* das opressões. Não posso achar que, enquanto mulher negra e heterossexual, consiga vivenciar o afeto tal qual uma mulher negra lésbica, trans ou travesti, que apesar de experimentar a noção pertencimento, a questão da sexualidade, incide de forma interseccional, produzindo violência de morte para esses corpos. Logo, é necessário compreender as condições de existência das pessoas, de maneira interseccional, pois gênero sem interseccionalidade, é um engajamento esvaziado de pauta.

Silvana Bispo (2011, p.40) em pesquisa pioneira sobre feminismos negros na Bahia, traz que “a historiografia nacional respaldou, em muito, sua produção sobre as populações africanas e seus descendentes nas experiências da escravização”, e por isso hoje, vamos no caminho oposto de trazer as nossas histórias das marchas nas ruas, becos e encruzilhadas das práticas ancestrais de cuidado, de vivência da fé, da perspectiva coletiva da ética do cuidado, que estão estritamente ligadas



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

**DANÇA**



## XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

à religiosidade. Atribuo essa sobrevivência à instituição ancestral Irmandade da Boa Morte<sup>4</sup>, que Joanice **Conceição** (2012, p.133) trouxe como “um grupo de mulheres negras brasileiras que vêm ao longo de alguns séculos perpetuando valores africanos na sociedade afro-baiana”. Esse cuidado, infere-se para nós, comunidade negra, sobre a construção de uma ética do cuidado, pois enquanto grupo que sabe como o racismo e o sexismo atuam no espaço acadêmico para silenciar a produção e a estadia de pessoas negras na universidade, nós, buscamos criar estratégias de enfrentamento para implodir as armadilhas criadas pelo racismo e pelo sexismo. Assim, “podemos afirmar que o protagonismo político das mulheres negras tem se constituído em força motriz para determinar as mudanças nas concepções e o reposicionamento político feminista no Brasil”. (**Carneiro**, 2003, p. 139).

Onde a coletividade é pautada como forma de garantir a justiça social e o bem-viver, que enquanto categoria, apego-me ao conceito de bem-viver produzido a partir da carta de Mulheres Negras, entregue à presidenta Dilma Rousseff durante a Marcha de 2015. Desta forma o bem viver para nós, mulheres negras, consiste em algumas concepções, que fazem parte da agenda política de luta, e é visto como algo que:

[...] funda e constitui as novas concepções de gestão do coletivo e do individual; da natureza, política e da cultura, que estabelecem sentido e valor à nossa existência, calcados na utopia de viver e construir o mundo de todas(os) e para todas(os) direito à vida e à liberdade, promoção da igualdade racial, direito ao trabalho, ao emprego e à proteção das trabalhadoras negras em todas as atividades, direito à terra, território e moradia/direito à cidade, direito à educação, direito à justiça direito à cultura, informação e à comunicação, segurança pública direito à seguridade social; saúde, assistência social e previdência social) justiça ambiental, defesa dos

<sup>4</sup> Mais informações disponíveis em: <https://irmandadedaboamortecachoeira.com/> Acesso em: 25 set. 2022.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

**DANÇA**



## XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

bens comuns e a não-mercantilização da vida. (Carta, 2015, p. 02).

Aqui pode-se perceber que o bem viver, é uma oposição ao viver melhor ocidental (Turino, 2016) e a partir da agenda de luta proposta por mulheres negras, só pode ser vivenciado, em oposto à branquitude, ao capitalismo e à colonialidade, uma vez que “as mulheres negras não só utilizam o conceito de “bem viver”, como o ampliam, visto que também denunciam a falência do processo civilizador em curso” (Figueiredo, 2019, p. 224).

Dessa forma, as reflexões tecidas na mesa objeto de escrita do presente texto, levam a retomar a fala da professora Marise de **Santana** (2022) ao ser entrevistada por Vanessa **Santos** (2022, p. 13) “a pensar essas questões que na academia se diz que são de militância, e eu pergunto: quem não é militante? Se não for militante não serve, não é um bom pesquisador; se não for militante não é um bom professor; se não é militante você não é um bom extensionista”. Cheguei na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em 2022, e um ano depois eu já era conhecida como a “professora militante”, pois em minhas aulas fazia questão de incorporar às aulas os debates étnico-raciais e de gênero para aquelas disciplinas que não tratavam da temática, por defender o combate ao racismo institucional, por formatar a educação antirracista. Na UESB já encontrei um terreno pavimentado pela professora Dra. Marise de Santana, que fundou o Odeere – Órgão de Educação e Relações étnicas<sup>5</sup> da Universidade, que enfrentou várias situações de discriminação e racismo religioso, e ao longo de muitos anos, estive na busca de uma universidade menos racista e mais equânime. Hoje, ela encontra-se aposentada e em atividade apenas no Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB), o trabalho precisa

<sup>5</sup> O Odeere é um órgão suplementar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) criado em 2005. Mais informações em: <https://www.instagram.com/odeereuesb/> Acesso em: 12 maio 2025.



UESB



Colegiado do curso de

DANÇA



## XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

continuar, e para meu corpo negro que não é bem-vindo na universidade, aí de mim se não fosse “militante”.

### REFERÊNCIAS

BISPO, Silvana Santos. 198f. **Feminismos em debate**: reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador (1978 – 1997). Dissertação (mestrado), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos, 2011.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Caderno Pagu**, n. 26, p.329-365, 2006.

BUENO, Winnie de Campos; ANJOS, José Carlos dos. Da interseccionalidade à encruzilhada: operações epistêmicas de mulheres negras nas universidades brasileiras. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, vol. 21, núm. 3, 2021, setembro-dezembro, p. 359-369.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.

CARTA das Mulheres Negras. **Documento analítico e declaração. Marcha de Mulheres Negras contra o racismo, a violência e pelo bem viver**. Brasília, 2015.

CONCEIÇÃO, Joalice Santos. Corpo e religião: Notas tanatológicas sobre a Irmandade da Boa Morte. In: **Anais...** XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Histórias das Religiões, 2012, São Luís. EDUFMA, 2012. v. 1. p. 133-133.

FIGUEIREDO, Angela. A Marcha das Mulheres Negras conclama por um novo pacto civilizatório: descolonização das mentes, dos corpos e dos espaços frente às novas faces da colonialidade do poder. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADOTORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p.224-241.

hooks, bell (2015). Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira De Ciência Política**, (16), 193–210.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de



UESB



Colegiado do curso de

**DANÇA**



**XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA &  
X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS  
E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)**

Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. São Paulo: Autêntica, 2020.

MOREIRA, Núbia Regina. **A organização das feministas negras no Brasil**. Vitória da Conquista-BA, Edições UESB, 2011.

MOREIRA, Nubia Regina; CARDOSO, Thaís Teixeira. (2020). Mulheres Negras em Marcha contra o racismo, a violência e pelo Bem Viver: indícios para um currículo antirracista. **Cadernos de Pesquisa**, v. 27, n. 4, p. 129–151.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

RIOS, Flavia; SOTERO, Edilza. Gênero em perspectiva interseccional Plural - **Revista de Ciências Sociais**, vol. 26, núm. 1, 2019, janeiro-junho, p. 1-10 Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019.

SANTOS, Vanessa Caroline Silva; SANTANA, Marise de. Quem não senta pra aprender, não levanta pra ensinar: uma aula com a Griot Marise de Santana. In: BORGES, Luzi; SANTANA, Marise de.; NASCIMENTO, Washington. **Narrativas ancestrais: histórias e trajetórias de mulheres negras na Bahia**. Nascimento. Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2022. p. 11-36.



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de  
**DANÇA**

